

Programa não é para agora, diz Funaro

AGÊNCIA ESTADO

"O plano Sayad é uma boa contribuição para ser estudada e discutida, mas é para o futuro, não para agora." O comentário foi feito ontem pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro, ao negar que o plano de ajuste econômico proposto pelo ministro do Planejamento, João Sayad, seja "um plano de governo".

Indagado se a eliminação do gatilho salarial não seria desproteger o trabalhador no caso de algum descontrole, Funaro disse que a questão precisaria ser discutida melhor. Em sua opinião, o gatilho só poderia ser eliminado se houvesse outra cláusula impedindo que o trabalhador seja punido por um processo de combate à inflação. O ministro só não respondeu que instrumento poderia ser melhor para os trabalhadores, insistindo que isso "precisa ser estudado".

"VAZOU"

O plano de recuperação da economia nacional elaborado pelo ministro do Planejamento, João Sayad, não deverá ser aproveitado pelo governo porque tornou-se conhecido da opinião pública antes mesmo de o presidente José Sarney ser informado sobre o seu conteúdo. Foi o que deu a entender, ontem, o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães.

"Vocês sabem como são essas coisas. O plano vazou e, naturalmente, o governo não gosta que estes projetos sejam divulgados antes de uma decisão. Perdem o impacto, ou algo assim", comentou o deputado.

Ele explicou ter conversado em São Paulo sobre o assunto no último final de semana com o ministro da

Fazenda, Dilson Funaro, que revelou estar nos detalhes finais de um projeto complementando as iniciativas destinadas à recuperação da economia já anunciamas e que foram transmitidas aos representantes dos governos dos países credores.

EMPRESÁRIOS

O anúncio do Plano Sayad não agradou a todas lideranças empresariais do ABC paulista. Enquanto Hans Kittler, diretor da Delegacia de São Bernardo do Campo do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, lamentava novas intervenções do Estado na economia de mercado, diante da proposta de congelamento de preços, João Scivoletto, diretor da Delegacia do Ciesp em Diadema considerava o conteúdo do projeto "uma trilha para se achar o caminho que a classe produtiva tanto procura".

Para o diretor do Instituto de Economia Gastão Vidigal da Associação Comercial de São Paulo, Marcel Solimeo, "sua concepção é equivocada". Ele acrescentou que o plano representa o "Estado adminis-

trando a economia", ignorando o sistema de liberdade de mercado.

Outro que reclamou foi Antônio Carlos Mourão Bonetti, secretário executivo do Centro de Apoio à Pequena e Média Empresa (Ceag), para quem o ministro estaria prejudicando os acordos salariais livres.

O ex-secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Gilberto Dupas, disse que considera o Plano Sayad "limitativo".

O vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica Eletro-nica (Abinee), Paulo Vellinho, manifestou o seu temor de que a "transparência" do Plano Sayad, com o anúncio prévio das medidas, pode provocar uma "escalada altista, uma corrida desenfreada ao pote".

SINDICALISTAS

Para o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, João Carlos Gonçalves ("Juruna"), o Sayad está querendo reeditar o Plano Cruzado I, mas "sem o gatilho salarial".

Ao contrário de "Juruna", Antônio Pereira Magaldi, presidente da União Sindical Independente (USI), acha que o Plano Sayad "não é tão mal assim". A seu ver, ele corresponde a algumas expectativas da USI, pois prevê reajustes trimestrais e quinzenais.

"Na hora em que planos como o do Sayad viram pacotão, só nos resta esperar", concluiu o coordenador do Departamento Metalúrgico da CUT, Heiguiberto Della Bella Navarro, que engrossa o coro dos demais membros da central, insatisfeitos com a não participação dos sindicatos nas deliberações econômicas.



Funaro: plano para futuro